

ATIVIDADES LÚDICAS COMO ESTRATÉGIA DE APROXIMAÇÃO DE NOVOS ALIMENTOS NA SELETIVIDADE ALIMENTAR

Gabriela Turibi Christiane¹, Francisco Cleriston Rabelo Amancio², Raquel Rodrigues Santo³, Natália Ferreira de Souto⁴, Maria Luzia Rabelo Campelo⁵, Vanessa Mayara Sena dos Santos⁶, Vanielle de Araujo Santos⁷, Camila Carolina de Menezes Santos Bertozzo¹¹, Mayara Queiroga Estrela Abrantes Barbosa

mayara.queiroga@professor.ufcg.edu.br e
camila.carolina@professor.ufcg.edu.br

Resumo:

O presente trabalho relata resultados de algumas intervenções realizadas pelo PROBEX: seletividade alimentar no TEA, que utiliza atividades lúdicas como estratégia para introdução de novos alimentos no repertório alimentar de crianças com TEA que apresentam seletividade alimentar. O Projeto foi desenvolvido nas dependências do Centro de Atenção Psicossocial Infantil - CAPSI – Cuité-PB. As atividades lúdicas mostraram-se eficaz no processo do novo modo de se relacionar com a comida e o comer, que se modifica de acordo com o estímulo ofertado.

Palavras-chaves: Seletividade alimentar, Autismo, Ludicidade e Escala do comer.

1. Introdução

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é um tipo de transtorno que acomete o indivíduo com um desenvolvimento neurológico, capaz de impedir a ação de comunicação e interação social da criança, sendo comum também a aparição de comportamentos e interesses restritos ou repetitivos (SBP, 2019). Como descreve o Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (2012), os sintomas do TEA comumente são reconhecidos pelos responsáveis no decorrer do segundo ano de vida (12 a 24 meses), variando em alguns casos de crianças que apresentam o atraso do desenvolvimento mais grave podendo ser perceptíveis por volta dos 12 meses de idade (American Psychiatric Association, 2013).

A seletividade alimentar é designada como um comportamento alimentar normalmente perceptível durante a infância. A identificação do quadro é característico por um trio de comportamentos que a

criança pode apresentar durante a hora da refeição, sendo a recusa, a resistência e o desinteresse por determinados alimentos, dificultando assim a implementação de uma dieta diversificada (Taylor & Emmett, 2019). A restrição de alguns alimentos na hora da refeição durante um longo período de tempo, pode desencadear uma carência nutricional no indivíduo, atrapalhando o bom funcionamento do organismo, já que uma alimentação com ingestões adequadas de macro e micronutrientes são de grande importância para manter a energia necessária para o bom funcionamento do corpo (DOMINGUES G, 2011).

Os primeiros sinais de aversão alimentar são desencadeados através de certas características presentes em diversos alimentos, que engloba consistência, sabor, textura, cheiro, cores, temperatura e até mesmo formas e marcas de produtos. Consequente as crianças com TEA desenvolve hábitos alimentares baixos em hortaliças, frutas e carnes e acabam por preferirem alimentos ultraprocessados (GAMA et al., 2020).

À vista disso, fez-se necessário a implementação de ações adjuntas com outros profissionais para lidar com a seletividade alimentar em crianças com o TEA, para garantir uma alimentação adequada e rica em nutrientes essenciais para o desenvolvimento da criança.

O objetivo principal do projeto era de aproximar as crianças seletivas dos alimentos que os mesmos, possuíam/possuem aversão alimentar, promovendo avanços na escala do comer, para alcançar esses objetivos, foi desenvolvido atividades lúdicas para apresentação dos alimentos, materiais didáticos com orientações para os pais realizarem em casa e participação das crianças em oficinas sensoriais, a fim de aproximar a criança do alimento.

O público-alvo das nossas ações foram crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista que são acompanhadas pelo Centro de Atenção Psicossocial Infantil (CAPSI) que fica localizado na cidade de Cuité-PB.

2. Metodologia

A metodologia adotada para intervenção nas dificuldades alimentares em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) envolveu várias etapas distintas. Inicialmente, realizaram-se encontros semanais online para aprofundamento sobre TEA e as dificuldades alimentares associadas. Nestes encontros, foram discutidos critérios diagnósticos, instrumentos de rastreio do comportamento alimentar e intervenções clínicas e nutricionais. Participaram profissionais convidados, como psicólogos especializados em ABA e nutricionistas em terapia alimentar, visando ampliar o conhecimento da equipe sobre o assunto.

Posteriormente, foi realizada a formação do grupo de crianças, em colaboração com a coordenação do CAPSI. Foram contatados os pais ou responsáveis para explicar os objetivos do projeto e, após demonstrarem interesse, as crianças foram incluídas no grupo. O contato com os pais foi mantido por meio de um grupo

1,2,3,4,5,7,8,9,10 Estudantes de Graduação, UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil.

¹¹ Orientador/a, <Cargo>, UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil.

¹² Coordenador/a, <Cargo>, UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil.

de mensagens online, facilitando a comunicação e organização das atividades.

Na etapa seguinte, foram realizadas atividades presenciais com as crianças no CAPS Infantil, com o objetivo de observar seu comportamento alimentar, criar vínculo e realizar o rastreio do comportamento alimentar. Diferentes materiais e jogos foram disponibilizados para atrair e envolver as crianças, enquanto a Escala do Labirinto de Avaliação do Comportamento Alimentar foi utilizada para identificar aspectos específicos do comportamento alimentar de cada criança.

Por fim, foram planejadas e executadas atividades de dessensibilização e aproximação dos alimentos, com base nas informações coletadas nas etapas anteriores e na Escala do Comer. Estas atividades incluíram jogos e brincadeiras estimulantes para favorecer a interação e experimentação alimentar, visando construir uma dinâmica alimentar mais positiva para as crianças com TEA.

Essa metodologia abordou de forma abrangente as dificuldades alimentares em crianças com TEA, desde o conhecimento teórico até a implementação prática de estratégias para lidar com esses desafios, sempre em colaboração com profissionais especializados e em sintonia com as necessidades específicas de cada criança e sua família.

3. Ilustrações



Figura 3 - Atividades de dessensibilização e aproximação de alimentos realizadas no CAPS Infantil de Cuité-PB.



Figura 2 – Material desenvolvido para trabalhar aproximação de novos alimentos - Coelho Comilão



Figura 3 – Oficinas de uso de talheres e aproximação de alimentos e roda de conversa com as mães.



Figura 4 - Atividades de quadro de rotinas elaboradas pelos alunos para as mães seguirem durante as férias.

4. Resultados e Discussões

A partir do rastreio alimentar e escala de Labirinto foi possível identificar as principais dificuldades, aversões e preferências alimentares. Pela escala de labirinto podemos identificar a maioria das crianças apresentam seletividade alimentar, com preferência por alimentos açucarados, baixo ou nenhum consumo de verdura, aversão por alimentos pastosos e preferências por alimentos crocantes. Alguns selecionavam por cores, texturas e sabores. Muitos não apresentavam uma rotina alimentar com horários estabelecidos para cada refeição. Quer comer sempre os mesmos alimentos, nos mesmos utensílios e copos. Alguns possuíam a dificuldades de utilizar talheres para levar os alimentos até a boca, ou dificuldade de força e tonicidade muscular na mão, não conseguindo pega ou efetuar cortes com talheres de brinquedos.

Na oficina de talheres foi possível trabalhar a habilidade de cortar as frutinhas, que apresentavam velcro no meio, assim como utilizar a colher levar alimentos ou outros brinquedos de uma panelinha para outra. Tal atividade permitiu trabalhar habilidades motoras e de concentração ao manipular talheres e

interagir com alimentos, como o macarrão e a laranja. Orientações foram realizadas aos pais para que em casa fosse dada continuidade da dinâmica com supervisão das mães. Crianças aprendem por imitação e repetição, então, em todas as atividades e brincadeiras alguma fruta ou outro alimento que já fazia parte do repertório alimentar e novo alimento entrava na brincadeira. Aqui iremos descrever os resultados observados no acompanhamento de duas crianças, que iremos nomear de criança A e criança B.

A partir das observações da criança A, da escuta e relatos da mãe e também dos escores gerados na escala de labirinto, verificou características de seletividade alimentar: evitava consumo de qualquer vegetal, só aceita alimentos mais crocantes e a única fruta aceita era a maçã e com aversão a alimentos com aspecto gelatinoso e escorregadio (ex. manga), consumindo apenas maçã e banana, ou seja, alimentos com aspecto mais crocante.

Diante do exposto, foi elaborada uma brincadeira com o nome de “coelho comilão”, que consistia em um coelho feito de copo de material plástico duro envolvido com EVA e ornamentado em forma de coelho com um furo na região onde seria a boca e um palito de churrasco atravessado ao lado, uns papéis com frutas desenhadas e enrolado no palito de churrasco simulando a língua do coelho. Foi selecionado a pêra como fruta teste para ver a sua aceitação e a maçã que já era uma fruta que ele costumava comer. A pêra e a maçã foram cortadas no mesmo formato, em palitos, tipo batata frita, mas apenas a pêra permaneceu com casca para analisar se existiria problema com a cor do alimento. Feito isso, foi levado para a criança, apresentado como funcionava sem os alimentos e estimulando para que ele realizasse a brincadeira de enrolar o palito para que o coelho consumisse as frutas que estavam desenhadas na fita que fazia alusão a língua do coelho comilão, assim, estimulando os seus sistemas motores. A criança executou perfeitamente a brincadeira e entendeu como funcionava.

Após o seu entendimento, foi inserida a fruta na esteira onde era a fita que simulava a língua do coelho, enrolando o palito e fazendo com que a fruta entrasse pela boca do coelho, fazendo alusão que o coelho estivesse consumindo o alimento. A criança, entendeu a brincadeira, tocou no alimento, inseriu na “esteira” e fez com que o coelho “comesse” o alimento. Após várias tentativas com sucesso, foi estimulado que ele colocasse o alimento na mão do extensionista que estava acompanhando-o, que despreziosamente colocou o alimento na boca, mastigou e ingeriu. Naturalmente, sem dar comando, a criança sorriu, tocou, pegou, colocou na boca e engoliu, ou seja, repetiu forma do extensionista e do coelho comilão. As crianças com TEA e seletividade podem repetir uma determinada ação, sem ter de fato aprendida imediatamente. Neste sentido, a mãe foi orientada a ofertar em casa a fruta da mesma forma: alimento preferido já consumido e aceito e o novo alimento, da mesma cor e formato. A mãe ofertou e a criança aceitou. Ou seja, conseguimos aumentar o repertório alimentar. É importante ressaltar sobre a importância

do papel dos pais/cuidadores, os resultados dependem muito da sua colaboração.

Após isso, foi realizada a tentativa de aproximação e outro novo alimento, a manga, alimentos com textura não aceita pela criança. Foi inserida na mesma proposta para ver se tinha adesão, a criança, se aproximou, tocou, cheirou, colocou na boca, mas não conseguiu consumir, regurgitando imediatamente. Ela avançou na escala do comer, porém, ainda não estava pronta para etapa de consumo. É importante destacar, que qualquer e por mais pequeno que pareça, este é um grande avanço para a criança e estes pequenos passos foram comemorados e destacados para os pais e cuidadores.

O coelho comilão foi um sucesso e atingiu as propostas para o que foi desenvolvido. Ao final da vigência do PROBEX foi elaborado um quadro de rotina personalizado e um livro com informações de execução para as mães realizarem as tentativas de consumo de outros alimentos na mesma dinâmica, além de ter ficado também com o coelho comilão.

Com relação a criança B, a dificuldade se tornou mais desafiante, por ela não demonstrar nenhum interesse e curiosidade em se aproximar de alimentos. A mãe relatava que a criança não consegue se aproximar ou tocar em nenhum tipo de alimento como frutas ou verduras e comidas “de panela” e o único alimento aceito era o bicoito club social tradicional, nenhum outro. Como foi observada a preferência por pintura, nosso trabalho inicial foi conquistar e criar um vínculo por meio dessa atividade. Iniciamos a aproximação dos alimentos por atividades de reconhecimento de alimentos utilizando técnica de pinturas de desenhos de frutas e/ou espelhamento ou jogo de memória. Sendo assim, foi impresso imagem das frutas banana e laranja e também foi levado as frutas in natura cortadas e inteiras para que pudéssemos ver o comportamento dele em relação a isso. Apesar de possuir bastante dificuldade em ter proximidade com os alimentos, a criança B aparentou não ter repulsa em estar perto das imagens de comidas, mas já nos alimentos in natura, ele possui repulsa para pegar e logo se afastava da atividade. Este gostava muito de pintar, envolver cores, e em um momento de pintura de frutas, tentou “comer” o desenho de uma banana, fruta que a mãe relatou ser sua favorita. Em alguns momentos, observamos a atenção e coordenação motora, tentamos trabalhar a sua habilidade com talheres, onde não evidenciamos muita dificuldade de usar garfo e faca, o mesmo conseguiu desenvolver a atividade proposta, que foi desenvolvida com massa de modelar. Contudo, ao usar a colher notamos que foi um desafio para ele, não conseguia realizar a atividade e ao final deixou de lado a brincadeira após algumas tentativas. Não teve o interesse de brincar e nem experimentar as frutas, apresentou repulsa. Vale ressaltar, que ao fim do projeto, a criança aceitou pegar algumas frutas in natura com o auxílio de um garfo, porém bem breve. Mesmo sem conseguido provar ou consumir novos alimentos ele conseguiu avançar na escala de aproximação de novo alimentos que possuía repulsa. Pegar no alimento com um talher para tentar pintar um desenho, isso significa que de alguma forma

o mesmo conseguir evoluir na escala do comer, mostrando tolerância e interação.

Por fim, um dos desafios enfrentados para a realização das atividades no CAPSI, infelizmente era a falta de constância das crianças, pois a falta de transporte dificultava o deslocamento das mães com as crianças para o local de realização do projeto. Diante disso, alguns integrantes do grupo não conseguiram aplicar as ações elaboradas para algumas crianças.

5. Conclusões

Através das experiências com as crianças autistas, desenvolvimento de estratégias e atividades lúdicas, enfrentamos dificuldades por não ter o certo conhecimento sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), mas com o convívio semanalmente com as crianças facilitou a compreensão de como trabalhar, proporcionando grandes experiências para todos os envolvidos. Tendo isso em vista, solucionar as dificuldades e elaborar planos de ação para eles, ficou mais claro.

A convivência com as crianças com TEA gerou muito interesse da parte do grupo, despertando o olhar para aprofundar os estudos e buscar informações, sempre compreendendo os comportamentos e respeitando as limitações das crianças.

Vale ressaltar a evolução das crianças, é necessário destacar que cada progresso em crianças com TEA é importantíssimo, refletindo a evolução contínua em diferentes aspectos de seu desenvolvimento. Com isso, no final do projeto, analisamos e observamos a evolução em todas as crianças, tanto na questão alimentar, como também na socialização, criação de vínculos e até participação nas atividades elaboradas pela equipe.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode apresentar diversos desafios, muitos desses estão ligados a questões alimentares, no qual diversas crianças com TEA dispõem de sensibilidades sensoriais, resultando em dificuldade em consumir alimentos nutritivos. Dessa forma, é necessário entender e respeitar as necessidades particulares de cada criança com TEA. Em vista disso, o projeto de extensão desenvolve estratégias, planos de ação e atividades lúdicas, ofertando suporte tanto para as crianças quanto para suas famílias, que auxiliarão no progresso da recusa e seletividade alimentar. Quando se é falado no desenvolvimento de uma criança, o papel dos pais é muito importante, onde, a partir das orientações adequadas, pode-se tornar o ambiente doméstico favorável para essas crianças, além de buscar maneiras para lidar com as sensibilidades, contribuindo de forma positiva a evolução das crianças. Apesar disso, os pais enfrentam muitos desafios ligados ao transtorno. A busca por serviços, suporte e recursos é um desafio enfrentado por muitas famílias de pessoas com TEA, além dos preconceitos e das rotinas intensas. A falta de acesso impacta diretamente na qualidade de vida da criança com TEA. O projeto também promove a criação de um ponto de apoio e troca de experiências entre as famílias, tendo em vista que enfrentam desafios semelhantes.

Por fim, a renovação do projeto vai garantir a continuidade dos vínculos que foram formados e permitir que os objetivos propostos inicialmente sejam desenvolvidos.

6. Referências

AMERICAN, psychiatric association (APA). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2023, p. 50-65.

ARAÚJO, L. A. D. et al. Manual de Orientação: Transtorno do Espectro do Autismo. Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento: Sociedade Brasileira de Pediatria, n. 5, abr./2019.

DOMINGUES G. Relação entre medicamentos e ganho de peso em indivíduos portadores de autismo e outras síndromes relacionadas. Disponível em: <http://www.nutricaoativa.com.br/arquivos/monografia_9.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2024.

GAMA, B T A et al., (2020). Seletividade Alimentar em Crianças com Transtorno do Espectro Autista(TEA): uma revisão narrativa da literatura. Revista Artigo.com.

Taylor, C. M., & Emmett, P. M. (2019). Picky eating in children: Causes and consequences. *Proceedings of the Nutrition Society*, 78(2), 161-169.

Agradecimentos

À(os) nome dos órgãos(s) parceiro(s) pelo suporte e colaboração no desenvolvimento das atividades.

À UFCG pela concessão de bolsa(s) por meio da Chamada PROPEX 003/2023 PROBEX/UFCG.